

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FABIANA OLIVEIRA PEREIRA

ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: A IMPORTÂNCIA
DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

PATU/RN
2016

FABIANA OLIVEIRA PEREIRA

ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: A IMPORTÂNCIA
DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Profa. Ma. Maria Socorro dos Santos.

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48e Oliveira, Fabiana Oliveira Pereira.
ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: A
IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO / Fabiana Oliveira
Pereira Oliveira - 2016.
37 p.

Orientador: Maria Socorro dos Santos. Santos.

Coorientadora: .

Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Letras com habilitação em Língua Portuguesa , 2016.

1. Leitura. 2. Sala de aula. 3. Importância. 4. Ensino Médio. I. Santos,
Maria Socorro dos Santos. , orient. II. Título. |

FABIANA OLIVEIRA PEREIRA

ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA PÚBLICA: A IMPORTANCIA
DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Maria do Socorro dos Santos
(Orientadora – CAP/UERN)

Prof. Dr. Antônio Balbino Neto
(Examinador – CAP/UERN)

Prof. Me. Fernando de Azevedo Guedes
(Examinador – CAP/UERN)

Dedico este, assim como as minhas demais conquistas, as minhas duas filhas: Ana Letícia e Sophia Laureen, inspiração da minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiro a Deus, mestre de todos os mestres, por permitir que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos de formação acadêmica.

Aos meus pais, Francisco Diniz e Francisca Pereira, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu esposo Carlos Átilla, pelo companheirismo e por compreender a minha ausência, durante esse percurso.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro. Um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora, Maria do Socorro dos Santos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivo dado. O que seria de mim sem você?

A todos os professores por proporcionar o conhecimento, não apenas teórico, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Ao grupo de amigos que se tornaram irmãos: Fabiana Nascimento, Antônia Lucineide, Valdecio, Haulley, Rayanne. Uma amizade que esteve a fazer parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação e crescimento pessoal.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a concepção de professores e alunos do 2º ano do Ensino Médio a respeito da importância da leitura da Escola Estadual Apolinária Jales – EEAJ, localizada no município de Messias Targino/RN. O intuito dessa pesquisa é analisar o que pensam professores e alunos sobre o uso da leitura na escola bem como apontar desafios e possibilidades para a construção leitora. Desse modo, realizou-se uma pesquisa qualitativa, utilizando-se para a análise dos dados a teoria estudada, pesquisadores da área que ajudaram a confrontar aos dados levantados. Entre eles destacamos: Solé (1998), Barbosa (2008) e Ferreiro e Palacio (2002); além dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN’S (1997). Como resultado alcançado a necessidade de incentivo e utilização de estratégias para uma postura de aluno-leitor crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Leitura. Sala de aula. Importância. Ensino Médio.

ABSTRACT: This work aims to present a study on the conception of teachers and students of the 2nd year of High School regarding the importance of reading the State School Apolinária Jales - EEAJ, located in the municipality of Messias Targino/RN. The purpose of this research is to analyze what teachers and students think about the use of reading in school as well as to point out challenges and possibilities for reading construction. Thus, a qualitative research was carried out, using for the data analysis the studied theory, researchers of the area that helped to confront the data collected. Among them we highlight: Solé (1998), Barbosa (2008) and Ferreiro e Palacio (2002); Besides the National Curriculum Parameters of Portuguese Language - PCN'S (1997). As a result achieved the need to encourage and use strategies for a critical and reflective student-reader posture.

Key Words: Reading. Classroom. Importance. High school.

LISTA DE SIGLAS

CAP - *Campus* Avançado de Patu

DL - Departamento de letras

EEAJ - Escola Estadual Apolinária Jales

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacional

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de leitura dos alunos.....	30
Gráfico 2: Gêneros e tipos de textos.....	31
Gráfico 3: Compreensão dos texto.....	32
Gráfico 4: Análise quanto ao fato de ser bom leitor	32
Gráfico 5: O que representa a leitura.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Questão que pouta a pesquisa.....	13
1.2 Metodologia e o trabalho de campo.....	14
1.3 Apresentação dos capítulos.....	15
2. DISCORRENDO SOBRE A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	17
2.1 Refletindo sobre a prática da leitura.....	17
2.2 A importância da leitura na sala de aula.....	18
2.3 A construção do leitor: do processo da leitura para escrita.....	20
2.4 O que diz os PCNS sobre a importância da leitura.....	23
2.5 Os desafios e possibilidades da leitura em sala de aula.....	24
3. LEITURA E LEITURAS: UMA ANÁLISE COM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO.....	27
3.1 O que diz a professora sobre a prática de leitura.....	27
3.2 Com a palavra o aluno: leitura, concepção e uso.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre leitura ou o ato de ler, a princípio, vem como uma tarefa fácil, como algo muito presente no cotidiano, principalmente, tratando-se da vida acadêmica. No entanto, quando se observa sobre os detalhes do conceito e do processo que envolve essa ação, torna-se algo complexo e com inúmeras possibilidades de discussões. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a concepção de professores e alunos a respeito da importância da leitura da Escola Estadual Apolinária Jales – EEAJ, localizada no município de Messias Targino/RN. Trata-se de uma turma de 2º ano do Ensino Médio composta por 26 alunos. O intuito dessa pesquisa é analisar o que pensam professores e alunos sobre o uso da leitura na escola bem como apontar desafios e possibilidades para a construção leitora.

O ato de ler pode surtir ao leitor o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, ao desenvolvimento da criticidade e ao interesse na busca pelo conhecimento sobre assuntos variados que, além de instigar o leitor a pensar criticamente sobre diversas questões, proporciona impulsionar suas relações sociais no seu desenvolvimento cognitivo.

Segundo Freire (1996, p. 22) é possível discutir que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Para o autor o contexto de mundo se diferencia do processo de escolarização, na qual, o professor deve ao ensinar considerar os saberes já estabelecido pelos seus alunos, diante relação social.

Nesta perspectiva, é pertinente afirmar que a partir das fases iniciais do processo de escolarização, os alunos trazem para a escola sua leitura de mundo. Ou seja, seus valores familiares, sociais, crenças, religião, superstições, entre outros, o que vai defini-los dentro da sociedade. Aquilo que se presencia como tradição influenciará diretamente na forma de aprendizagem, e como consequência no ensino.

Mediante explanação, a partir de dificuldade observada no período de estágio docente no curso de letras e pesquisas acadêmicas durante disciplinas curriculares a respeito do processo e ação de leitura é que se pode verificar a desmotivação para atividades que envolvia a temática, chamando-me ao interesse de investigar os motivos que levaria a isso. Outro motivo que instigou a fazer esse estudo se deu em virtude de que entre os alunos da 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Apolinária Jales, Messias Targino/RN, do turno vespertino,

no ano de 2015, apresentar nota baixa no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)¹. Esses alunos na sua maioria, fazer a prova como experiência para o ano seguinte.

Já a escolha da escola para a pesquisa deu-se pelo acesso a mim disponibilizado, possibilitando por meio deste, abertura para um diálogo conciso entre aqueles que faziam parte da instituição.

Neste aspecto, este trabalho buscará elucidar a importância da leitura para alunos dos 2º ano do Ensino Médio considerando a metodologia apresentada no contexto de sala de aula trabalhado pelo professor colaborador da pesquisa. Ressaltando que nenhum juízo de valor sobre aspectos negativos quanto à postura didática pedagógica do professor será apontada.

1.1 Questão que pouta a pesquisa

A escola pesquisada – Escola Estadual Apolinária Jales (EEAJ) – está localizada na Rua Professor Otôn timer Tomaz, nº 391, centro do município de Messias Targino/RN. Hoje recebe hoje cerca de 250 alunos, oferecendo ensino nas modalidades fundamental e médio. A escola funciona em dois turnos: matutino e vespertino, sendo que são atendidos 130 alunos no horário matutino e 120 no vespertino. Os alunos estudados são advindos tanto contexto rural como urbano.

A escola possui (ano de 2016) um quadro de 16 professores, tendo eles formação em Pedagogia, Matemática, Biologia, Letras – habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, Letras – habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, Educação Física, História, Geografia e Filosofia. A professora investigada nesse estudo atua na escola há mais de 12 anos e tem formação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Atualmente é aluna do curso de Letras pela mesma instituição.

Quando a estrutura física, a mesma dispõe de 01 salão para reuniões extraescolares, 08 salas de aulas, 01 biblioteca com um acervo bibliográfico satisfatório, com mesas e cadeiras, 01 sala para a direção, 01 secretaria, 01 sala de leitura com um acervo infanto-juvenil satisfatório para sua clientela, 01 sala de vídeo, com TV, mesas e cadeiras, 07 projetor de multimídia, 01 sala para professores, 01 sala para apoio pedagógico, 01 sala para rádio escolar, 09 banheiros, sendo: 03 femininos, 03 masculinos e 03 para os professores. A escola

¹ O ENEM foi criado em 1998 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) com o propósito de testar a aprendizagem dos alunos que estariam concluindo o Ensino Médio. Atualmente, com os resultados obtidos, os estudantes podem tanto ingressar em universidades pública do país, como também ganhar bolsas de estudo em universidades particulares. Vale ressaltar que estudantes que já concluíram o Ensino Médio podem participar do exame e buscar ingressar na universidade.

dispõe ainda, de 01 cozinha, 01 dispensa e 01 almoxarifado. No entanto, no que se refere à biblioteca passa maior parte do tempo fechada, sem que os alunos possam ter acesso contínuo.

É importante ressaltar, que o processo de planejamento é realizado de forma bimestral, sendo que os supervisores fazem o monitoramento durante o bimestre, acompanhando passo a passo o que está sendo aplicado na sala de aula. Esse processo é desenvolvido por professores, coordenadores pedagógicos e bibliotecários para dar suporte ao aluno quando precisar fazer uma pesquisa, seja na biblioteca ou no campo.

Quanto às ações pedagógicas voltadas à prática de leitura, aponta como desafio na escola, uma vez que tal postura não é uma ação recorrente na instituição. Nos alunos há pouca prática de leitura, sendo fator pensado como dificuldade de aprendizagem pela escola.

Para Solé (1998) essas dificuldades implicam muitas vezes na falta de importância que os alunos dão a prática de leitura. Também, pelo modo que o professores vem desenvolvendo suas estratégias de uso em sala de aula, restringindo apenas a uma metodologia tradicional para entendimento dos textos.

Já Antunes (2003) coloca que o modo como o trabalho de leitura vindo sendo desenvolvido nas escolas, assume uma postura apenas de prática de decodificação do texto, sem levar em consideração o processo de interação social entre o leitor o texto. Por isso, o trabalho muitas vezes se reduz a uma postura mecânica de interpretação textual sem considerar os conhecimentos já estabelecidos pelos alunos – visão de mundo.

Isto posto é que surgiu a problema de pesquisa: que importância o professor que atua na disciplina de língua portuguesa e alunos do 2º ano do ensino médio dão sobre a leitura na escola? Quais as suas concepções de leitura?

Para aclarar a resposta ao problema nos debruçamos ao pensamento de estudiosos que desenvolveram pesquisa na área, tais como: Solé (1998), Barbosa (2008) Ferreira e Palacio (2002), Freire (1997); além dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN'S (1997).

1.2 Metodologia e o trabalho de campo

O nosso estudo propõe uma pesquisa qualitativa e colaborativa juntamente com o profissional (professor) e alunado do 2º ano do Ensino Médio, de maneira que se desenvolverá o *corpus* dessa análise. Para isso, realizaram-se observações e questionários, como técnicas e coleta de dados. Assim, a análise trata-se de um estudo de caso, na qual segundo Chizzotti (1995, p. 102) serve “[...] para organizar um relatório ordenado e crítico ou

avaliar analiticamente a experiência com o objetivo de tomar decisões ou propor ação transformadora”.

Já a pesquisa qualitativa configura-se como um modo de entender e aprender o universo pesquisado – campo de pesquisa. Para Minayo (1995) esse tipo de pesquisa,

[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos á operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p. 10)

Assim, o interesse principal dessa metodologia é procurar apreender as relações sociais na qual os envolvidos estão situados, levando em consideração as discussões, a análise e a reflexão sobre objeto de estudo.

Desse modo, a investigação que realizamos se desenvolveu obedecendo a seguinte linha: delineamento da pesquisa, levantamento teórico sobre a temática, preparação e construção dos dados (pesquisa de campo e elaboração de questionários), e produção do texto monográfico, onde apresentamos os dados analisados.

Quanto ao trabalho de campo, este foi realizado no período de 05 dias. A primeira visita foi realizada no dia 30 de agosto de 2016. Nesta fase do projeto, nos dedicamos apenas à observação dos alunos do 2º ano do Ensino Médio. Em seguida, elaboramos questionários semiestruturadas ao qual foram aplicados tanto para a professora colaboradora e alunos no período de 12 a 15 de outubro do referido ano. Nesse período foi igualmente possível fazer observações na sala estuda, além de ter conversas informais com a professora e alunos. Essa conversa nos ajudou na analise dos dados, uma vez que utilizei do diário do campo como uma das técnicas para a pesquisa.

Ressaltamos que de acordo com Gil (1999, p.84), o questionário é definido como “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Para a análise dos dados nos debruçamos na teoria estudada, pesquisadores da área que ajudaram a confrontar aos dados levantados. Entre eles destacamos: Solé (1998), Barbosa (2008) e Ferreira e Palacio (2002); além dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN’S (1997).

1.3 Apresentação dos capítulos

O nosso trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro corresponde à introdução, onde se apresenta o tema, a metodologia, justificamos o objeto de pesquisa e a problemática, fazendo com que o leitor entenda sobre as finalidades desta pesquisa.

No segundo capítulo intitulado como “**Discorrendo sobre a leitura no contexto escolar**”, apresentaremos tópicos teóricos sobre o tema a importância da leitura em sala de aula; a construção do leitor do processo da leitura para a escrita; além de apontar os que dizem os documentos PCN’s sobre a importância da leitura os desafios em sala de aula.

O terceiro capítulo intitulado “**Leitura e leituras: uma análise com uma turma de ensino médio**” estará às análises – os dados da pesquisa empírica realizada com a professora colaborada e alunos da Escola Estadual Apolinária Jales – EEAJ, do município de Messias Targino/RN.

2. DISCORRENDO SOBRE A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo iremos refletir sobre os desafios e possibilidades da leitura na escola pública. Para isso, iremos discorrer no que diz respeito à sua importância em sala de aula, a construção do leitor – do processo da leitura para escrita. Além disso, apontar o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's sobre sua prática, assinalando estratégias para que o processamento do texto se mobilize aos diferentes níveis de conhecimento do leitor.

2.1 Refletindo sobre a prática da leitura

Para entender o conceito de leitura, não basta procurar no dicionário o significado da palavra, pois o ato ler envolve uma série de práticas e de experiências. Implica aspectos ligados a sua situação como leitor, e os motivos pelos quais se ler.

A leitura é uma prática concreta de libertação. Ao nos debruçamos num texto passamos a nos inserir num espaço de conhecimento. Somos tomados pela leitura de tal modo que esse é capaz de mudar nosso posicionamento enquanto sujeitos pensantes. O texto, as palavras, as letras e o contexto pela quais são colocados, aumentam a nossa capacidade de perceber os fatos e as coisas. Para Silva (2003):

[...] a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão. Pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto as conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, op. cite, p. 24).

Refletir sobre a leitura e defini-la implica sempre em um paradigma que a orienta e uma experiência que a motiva. É através da leitura que o ser humano adquire conhecimentos. A leitura tem a competência de modificar o indivíduo, fazê-lo refletir e mantê-lo inteirado sobre os diversos acontecimentos. É possível então dizer, que a leitura, é um meio no qual possibilita condições necessárias na vida do sujeito, haja vistas que a mesma é um processo amplo e passa pelo âmbito político, educacional, cultural e social.

Segundo Brandão (1997), o ato de ler é extenso, ou seja, envolve entendimento e acima de tudo compreensão. Nesse sentido, para que a leitura exista é necessário haver uma boa interação entre o leitor e o autor. Partindo dessa concepção:

Ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é um esforço de comunicação entre o escritor que elaborou,

escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto. (SANDRONI; MACHADO, 1998, p.10).

De acordo com os autores mencionados, é notório perceber a importância da prática da leitura na vida dos indivíduos e sua complexidade no que diz respeito ao seu entendimento. Essa complexidade é exteriorizada no modo de entender o mundo a partir de uma característica particular ao homem, sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que por sua vez estão sempre submetidas a um contexto. Nessa mesma direção, Barros e Gomes (2008) nos dizem que:

A leitura é um ato complexo, que abrange processos perceptuais, cognitivos, linguísticos, comunicativos, sociais e emocionais. É importante considerar as condições afetivas, interesse e motivação em relação ao ato de ler, para que se possa garantir prazer e gosto pela leitura no dia-a-dia da vida. Qualquer alteração em um destes aspectos pode causar prejuízos no processo de desenvolvimento e aprendizagem (BARROS; GOMES, 2008, p.336).

Nesse viés, no aprendizado pela leitura, é importante considerar as relações sociais, os saberes de mundo, pois a sua construção é mais de que um processo de decodificação de códigos. É preciso que o aluno leitor atribua sentido ao texto.

Sobre isso, a estudiosa Solé (1998) ressalta a acuidade de criar hipóteses ao texto, a começar pela leitura do título. Isso permitirá fazer uma relação dos conhecimentos prévios que possui do assunto. Além do mais, no contexto de sala de aula, a interação com outros leitores promoverá um contato entre aquilo que o sujeito sabe (visão de mundo) e aquilo que está apresentando (texto). A relação construída entre os leitores permitirá ampliar seus saberes do conteúdo apresentado.

Nesta perspectiva, é importante mostrar ao leitor que a sua prática não é apenas um momento que se internaliza na grade curricular da escola. É preciso superar esse olhar de que o ato de ler nas instituições de ensino é apenas uma prática de componente das disciplinas, sobretudo, de Língua Portuguesa. Em razão disso, uma prática constante nas escolas consiste em criar momentos dinâmicos e diferenciados, para não se tornar algo mecânico. Para isso, é preciso o abandono de práticas pedagógicas tradicionais, na qual o aluno apenas ler e fazer uma leitura interpretativa do texto. O professor e a escola precisam dar condições para que esse processo dinâmico aconteça.

2.2 A importância da leitura na sala de aula

A prática da leitura em sala de aula, ou até mesmo em rodas de leituras, tem se mostrado escassa em alguns momentos. Isso pode ser comprovado, quando os nossos alunos dominam um determinado assunto, uma determinada matéria, mas na hora de fazer testes eles não conseguem se sair bem. Acredita-se que isso decorre ao fato de não compreenderem os enunciados das questões. Por isso, a leitura em sala de aula e o seu estímulo é o maior aliado na resolução deste problema. Isso, não apenas na disciplina de Língua Portuguesa, mas nas demais do componente curricular da escolar. Tal colocação resulta a valer de que para se resolver uma atividade é necessário ler o enunciado, interpretá-lo, e assim aplicar fórmulas, cálculos e conhecimentos. Para Rösing (1996):

A formação dos leitores não é tarefa exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, mas é compromisso de todos educadores, que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada, necessariamente, por princípios consistentes (RÖSING, op. cite, p.22).

Em razão disso, é necessário que professores, no plural, promovam no seu aluno o gosto pela leitura desde os anos iniciais, e que essa proporção possa acontecer durante todo o percurso escolar, uma vez que o desejo pela leitura não nasce conosco, é adquirido com o tempo e com a prática leitora.

Sendo o professor mediador e condutor para o desenvolvimento cognitivo do aluno, este deve ter em mente que formar leitores não é somente ensinar o aluno a ler e escrever, mas compreender no texto, suas entrelinhas. É dar condições de ir mais além, ajudando no desenvolvimento de estratégias que o possibilite chegarem a uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, podemos falar que instruir estratégias de aprendizagem na sala de aula, é direcionar o educando a uma leitura organizada, onde o leitor seja capaz de entender a variedade de textos que existe e, a partir de então, seja capaz de erguer hipóteses e questionamentos. Sobre isso, Martins (1994) nos ressalta que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, op. cite, p. 34).

Nessa ótica, criar possibilidades de leitura, não implica somente alfabetizar, ou propiciar acesso aos livros. Significa, dialogar com o leitor, possibilitando a ele, ideias, ou situações imaginárias. Nessa dimensão, Solé (1998), nos diz que, os alunos constroem certo

conhecimento sobre a leitura e a escrita se tiverem oportunidade de criar, dialogar, ou criticar, de modo que ajudará a construir outros novos conhecimentos.

A autora ainda afirma que uma abordagem ampla do ensino inicial da leitura e da escrita pressupõe que o professor deve aproveitar os conhecimentos que o aluno já possui podendo-se dá a partir de perguntas que são feitas pelas crianças em sala de aula. Isso ajudará a somar seus conhecimentos prévios em geral. Além do mais, nesse momento de indagações o professor pode averiguar os significados e sentidos dado ao contexto e utilizar das palavras desconhecidas pelo aluno para promover novos saberes de vocabulário.

Segundo ainda Solé (1998, p.62), as estratégias ensinadas devem permitir que os alunos planejem as tarefas gerais de suas leituras, auxiliando no processo de formação de leitores autônomos, tornando-os capazes de enfrentar de forma inteligente os diversos tipos de textos, que na maioria das vezes podem ser considerados difíceis por não fazerem parte da realidade, ou por terem sido mal escritos e ainda, por não serem nada criativos.

Desse modo, constituir leitores autônomos, significa formar leitores críticos e conscientes, por isso,

Quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998, p. 72).

Nesse contexto, devemos ressaltar que a aprendizagem da leitura na escola é fundamental para a integração do aluno no mundo literário e para a formação do sujeito. É da escola o papel de transmitir esse conhecimento, porém, é louvável acreditar que um ensino de leitura mal aplicado pode causar danos ao processo de interação entre aluno e leitura. Nesse sentido, é importante lembrar que o ensino da leitura muito bem aplicado em sala de aula, contribui muito, no que diz respeito às séries futuras do currículo escolar do aluno, tanto no Ensino Médio, quanto no Superior.

Contudo, é indispensável que se tenha uma boa formação no Ensino Fundamental, para que ao ingressar no Ensino Médio, o aluno sinta-se preparado para encarar uma nova realidade, e um novo desafio, pois, atualmente sabemos que a defasagem de leitura é grande, e o aluno chega ao Ensino Superior, ainda com problema a compreensão do texto e dificuldade na escrita.

2.3 A construção do leitor: do processo da leitura para escrita

Sabe-se que a aquisição da leitura e da escrita é uma ação de toda a escola, e também da família. Na verdade sabemos que muitas famílias não proporcionam um ambiente de leitura para os seus filhos e nem sempre reconhecem sua importância para o desenvolvimento afetivo e intelectual das crianças. Assim, cabe à escola trabalhar no sentido de favorecer o sucesso dos alunos no que diz respeito à aquisição e ao desenvolvimento da leitura e da escrita e ao uso desta, nas práticas sociais, tendo-se clareza de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes facetas e por sinal, a natureza de cada uma delas, demanda uma metodologia diferente.

Para Ferreiro e Palacio (2002) a escrita pode ser arquitetada como um código e como representação. Como código, os elementos já vêm prontos e como representação, a aprendizagem se constitui em uma construção pela criança. Assim, ao trabalhar a escrita com códigos, o ensino privilegia os aspectos perceptivos e motor, a relação grafia e som e o significado é desconsiderado.

De acordo com Barbosa (2008), os métodos tradicionais de alfabetização são caracterizados por um sistema fechado e o processo de aquisição da linguagem escrita é vista como algo exterior ao indivíduo. É interessante ressaltar que a partir de então, esses métodos fazem uma análise racional dos seus elementos, partindo de aspectos simples para os complexos, isto é, primeiro a criança aprende as letras, depois as sílabas e por último as palavras e frases. Assim, para o autor a questão da aprendizagem da leitura e da escrita,

É a difusão por meio da qual o indivíduo pode estabelecer informações, pois sabendo ler e escrever, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, pode também construir seu próprio conhecimento (BARBOSA, 2008, p. 30).

No contexto de ensino o processo de leitura e da escrita ainda continua ganhando importância, mas hoje mais que nunca aparece como um alfabetizar cheio de desafios, em virtude dos meios tecnológicos presentes na vida dos alunos, onde nem sempre os professores a domina. Muitos estudiosos como Piaget (1978), consideram que a alfabetização da criança deverá acontecer de forma orientada pelo professor, em que o educando seja valorizado e que seus regionais sejam respeitados. Além do mais, apreciam que a escola assuma a responsabilidade de conduzir o aluno a conhecer a norma culta e inseri-lo no mundo social crítico por meio do ensino e aprendizagem.

Nessa dimensão, Raupp (2006) enfatiza que, a questão da aquisição da leitura e da escrita deve ser objeto de discussão, estudo e aprofundamento por parte de todos os professores no sentido de que, ao se tratar de alfabetização, esses possam ter conhecimento teórico suficiente para alicerçar o fazer pedagógico, seja ela na Educação Infantil, Fundamental ou Ensino Médio.

Notoriamente, o processo de construção do leitor da leitura para a escrita, é um processo dinâmico e muito complexo. É preciso reconhecer no aluno qual a fase que o acompanha, visto que alguns irão aprender em um ritmo acelerado, enquanto outros não.

Salienta-se que, por meio desse processo, é natural ouvirmos falas do professor como: “tal aluno é letrado, mas ainda não é alfabetizado”. Isso decorre ao fato de que a língua escrita, é um sistema de representações da linguagem, conforme nos disse Ferreiro e Palacio (2002) e por isso, por ser também produto de interação não pode ficar apenas as margens do processo de formação escrita.

Sobre o sistema de representações da linguagem, Ferreiro e Palacio dizem que a primeira linguagem desenvolvida pelo indivíduo é a oral, por meio da qual esta, principalmente no contexto familiar, desenvolve os seus primeiros aprendizados e conhecimentos, isto bem antes de conhecer a escrita. No início, a descoberta do entendimento, através da fala, é pelo reconhecimento das coisas e das pessoas através dos nomes. É a partir dessa relação social que os sujeitos constroem pensamento e linguagem, entendimento sobre o que é ouvido, aprendido e mais a frente, no que é lido. Por isso, a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sempre sozinho (BAKHTIN, 2000). A língua se deduz da precisão do homem de expressar-se, de exteriorizar-se. A essência da língua resume-se à criatividade espiritual do indivíduo.

Para Bakhtin (2000) a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se estivesse sozinha, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal, a mesma não deixa de dispor de gêneros criativos. Esses gêneros nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo de estudarmos a gramática. O mesmo salienta que a linguística moderna define a linguagem oral como sendo a união de significado e significante. O significante relaciona-se diretamente ao resultado da produção de som por meio das cordas vocais (fala) o qual atinge o ouvido humano e é processado pelo cérebro, que o relaciona àquilo que representa. A linguagem tanto expressa o pensamento das pessoas, como age de forma organizativa deste pensamento, estabelecendo claramente a relação que existe entre pensamento e linguagem, de modo que pode também ser exteriorizada por meio da escrita.

Em virtude disso, é importante que aluno esteja em contato com práticas sociais de leitura, como também da escrita, pois permitirá o professor processar sua prática fazendo-o entender que primeiro é preciso decifrar a escrita, em seguida, entender o que está nas entrelinhas da linguagem, decodificando a textualidade presente, e por fim, uma reflexão sobre o que leu.

Portanto, o que se propõe é que o aluno além de dominar o mecanismo da leitura, assim também o faça na escrita, onde uma vez ocorrendo envolvimento entre o leitor e o texto, ocorrerá um ato de interlocução e sentido, na qual o sujeito se debruçará a novas leituras de mundo.

2.4 O que diz os PCNS sobre a importância da leitura

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN's (1997), para tornar os alunos bons leitores, a escola terá que mobilizá-los inteiramente, pois aprender a ler requer esforço. Precisa fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, na qual sua descoberta dará autonomia no modo de ser e agir.

Se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se deparam no decorrer de suas vidas, seja no ambiente escolar ou fora dele, torna-se necessário que a atividade de leitura tenha sentido para o aluno. Nesse viés,

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p.58).

Nessa dimensão, é fundamental entender que para formar leitores e cidadãos críticos e conscientes, se faz necessário à escola criar ambiente estimulador, com condições favoráveis para que se desenvolva a prática da leitura. Isso trará ao o aluno a sensibilidade para o gosto da leitura, a necessidade de ler. Um espaço agradável torna-se um veículo facilitador da aprendizagem no qual lhe dará autonomia diante do conhecimento. Conforme ainda os PCN's (1997), para que as dificuldades da leitura sejam superadas, a escola deve:

Disponer de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura, organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de

leitura (...) participem e conheçam o valor que a possuem, despertando o desejo de ler (BRASIL, 1998, p. 48).

É preciso que a escola ofereça condições para que os alunos construam aprendizagens na leitura. Por isso, é preciso utilizar de recursos didáticos pedagógicos, como também basear-se num planejamento que atenda não só os alunos bem sucedidos, mas, que dê maior ênfase aos que apresentam dificuldades como leitores, pois possibilitar para despertar que as dificuldades transformem-se em facilidades, sensibilizando-os e assegurando-os na apropriação de textos orais e escritos.

É papel de o professor conduzir a aula, proporcionando situações de leituras diversificadas, se possível trabalhando a construção de diversos gêneros textuais, ajudando os alunos a interrogarem o escrito, podendo isso acontecer por meio da procura de sentidos e de hipóteses, ajudando a elucidar suas próprias estratégias, facilitando, assim, a interação e a participação, despertando assim, o prazer pela leitura (SOLÉ, 1998). Desse modo, cabe ao educador estimular o aluno a ter o desejo pela leitura, e usar de diversas metodologias para ajudá-lo até que se molde um perfil de aluno leitor.

Portanto, é papel da escola ensinar e motivar o aluno para que ele adquira o hábito da leitura. Mais que isso que os professores se empenhem nesse processo, não sobrecarregando apenas os destinados à disciplina de língua portuguesa.

2.5 Os desafios e possibilidades da leitura em sala de aula

Pode-se evidenciar que a leitura tem um papel categórico na vida do indivíduo. Conforme Carleti (2007), a leitura é o meio mais favorável para a aquisição de saberes, pois ajuda o sujeito na formação de um cidadão crítico e consciente, capaz de agir na sociedade. Para Ruiz (2002, p.35) a leitura é capaz de “[...] amplia e integra conhecimentos [...], abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência [...]”.

Nessa proporção, a leitura é fundamental na vida do sujeito, pois é através dela que temos acesso a conhecimentos construídos pela humanidade ao longo dos tempos, ampliando nossa comunicação e a nossa visão de mundo, desenvolvendo nossa compreensão, nosso senso crítico e nos tornando seres capacitados ao convívio social, exercendo assim, uma verdadeira cidadania.

Evidentemente, alfabetizar é de fato um desafio. Porém, há várias possibilidades de se trabalhar a leitura na sala de aula. A fábula, o texto descritivo, a poesia, o teatro, a música tudo isso são exemplos e possibilidades de se trabalhar com o nosso aluno em sala de aula.

A utilização desses textos além de motivar e desenvolver no aluno o gosto pela leitura possibilita um melhor aprendizado, pois promove no leitor a capacidade de imaginar, criar e escrever. Através de seu uso, o leitor desenvolve também o seu pensamento, a sua oralidade e criticidade.

Obviamente, democratizar a leitura e a escrita no contexto escolar, não é adotar técnicas inovadoras, porque elas estão no auge. É necessário assumir posturas inovadoras em todos os sentidos. Conhecer e vivenciar a realidade do aluno. Essa prática só terá sentido para o aluno, se ele perceber que o tem para o professor. Se o educador, não acreditar que mudar é possível, tão pouco seu aluno, acreditará. O professor tem que ser exemplo, para seu aluno. Tudo começa pelo professor, através da conscientização, passando para prática e logo mais, para a escola da vida.

Corroborando com esse pensamento, Lerner (2002) lança o desafio que os professores de Língua Portuguesa precisam assumir para viabilizar mudança na concepção do ensino de leitura e escrita na escola. O desafio é formar leitores capazes de ler e interpretar um texto. Conseguir que os mesmos sejam produtores da língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de emitir certo tipo de mensagem, em um determinado tipo de situação social. Impetrar que a escrita deixe de ser na escola apenas um objeto de avaliação, para se constituir realmente num objeto de ensino.

É louvável acreditar que uma didática democratizada adotada pelos profissionais de língua portuguesa, pode possibilitar mudanças coletivas e individuais nas pessoas envolvidas direta e indiretamente no sistema educacional.

Dessa maneira, o professor tem que ser um agente de transformação e a escola por sua vez, tem a função de transmitir às novas gerações tais conhecimentos. Ela deve organizar-se de modo a garantir, desde muito cedo, o acesso processual da leitura. Ao analisar a especificidade da função escolar, Kleiman (2000) afirma:

Cabe à escola, enquanto instância organizada pela sociedade como especificamente destinada à transmissão do conhecimento científico, responder à essa necessidade. E o professor ser um mero agente de transformação. (KLEIMAN, op. cite, p. 17).

Dessa forma, acredita-se que para cultivar bons leitores e pessoas críticas e conscientes, o seu fazer cumpre uma função política determinante para a prática pedagógica. Na medida em que ela se transforma em uma das estratégias prioritárias dos professores em sala de aula, contribuirá de maneira específica para a ampliação dos horizontes educacionais da própria escola.

É relevante mencionar que os conteúdos assimilados por meio das estratégias de leitura, tem a capacidade de promover no aluno uma melhor aprendizagem, já que parte de situações concretas vivenciadas por eles em sua prática social. Nesse âmbito, Freire (1997) é feliz quando afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1997, p. 11).

Sendo assim, compete à escola como um lugar de ensino, aprendizagem e concessão do conhecimento, se preocupar em programar procedimentos significativos, que contribuam para formar leitores competentes e que gostem de ler, como também com potenciais críticos e autônomos para o convívio social e com aptidões para desenvolver uma leitura crítica do mundo.

3. LEITURA E LEITURAS: UMA ANÁLISE COM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO

Este capítulo tem como finalidade expor a análise dos dados obtidos através de questionários realizados entre o professor colaborador para pesquisa e alunos do 2º ano do Ensino Médio. Aqui será apresentado o conhecimento de ambos os sujeitos (professor e aluno) quanto à concepção de leitura. A partir das falas iremos percebermos a importância de debate sobre a temática apresentada e como nossas instituições ainda precisam direcionar estratégias diferenciadas para prática de leitura.

3.1 O que diz a professora sobre a prática de leitura

A prática de leitura deve acompanhar toda a trajetória de vida escolar do aluno. Como aponta Freire (1998), ela tem a capacidade de libertar o sujeito da opressão, proporcionando novos saberes de mundo.

Para verificar sobre qual concepção da professora a respeito da leitura, conforme exemplificamos na metodologia, utilizamos de questionários semiestruturados direcionado a professora de língua portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental.

Quando perguntamos sobre a escolha dos livros didáticos utilizados por ela, a mesma se reportou da seguinte forma: “Por meio de leitura e análise de cada professor ou professores de área de ensino”. Em seguida acrescentou que ao longo do ano letivo não costumava seguir uma sequência de conteúdos. Isso nos levou a entender que as escolhas de conteúdo davam-se conforme necessidade de aprendizagem e nível dos alunos.

Mediante resposta da professora, e caracterizando com o contexto da escola, o livro didático na maioria das vezes não é visto como instrumento facilitador da prática docente. Do contrário é um material de conteúdos estruturados e sequencial que se consolida pelo profissional durante todo ano letivo. Sobre isso Ramanatto (1987) nos explica o seguinte:

O livro didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. [...] os conteúdos e métodos utilizados pelo professor em sala de aula estariam na dependência dos conteúdos e métodos propostos pelo livro didático adotado. Muitos fatores têm contribuído para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. [...] um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de

comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existem as exceções (ROMANATTO, 1987, p.85)

É preciso ressaltar ainda que uso do livro didático por assumir uma postura marcante como afirmou Romanatto (1987) deve de ir de encontro ao que indica os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN’s (1997), pois aponta variáveis na qual o aluno deve lidar quando se deparar com diferentes textos.

Seguindo, ao falar sobre se os textos dos livros didáticos estimulavam a aprendizagem e se os alunos gostavam do que era apresentado por ela, afirmou que não, pois “na maioria, os textos são fora do contexto dos alunos”. Isso vai de encontro à citação de Ramanatto (1987) quanto a sua utilização. Há uma dependência dele em sala de aula, mas que se desencontra, muitas vezes, com o que o aluno realmente busca.

Ao indagar sobre sua concepção de leitura, explicou que compreende como “trabalhar a língua numa perspectiva funcional”, apontando que o maior desafio para esse trabalho é a “falta de um ambiente de leitura”.

Para Solé (1998) propiciar um ambiente favorável e agradável para o aluno desenvolver sua leitura no contexto escolar, é imprescindível, pois ajudará na elaboração de estratégias para sua prática. O mesmo vale para falta de espaço adequado nas bibliotecas, pois conforme Silva (1995) esse espaço torna-se imperfeito. Na escola pesquisada, esse espaço precisa ser repensando pelos professores e equipe pedagógica, uma vez que o seu uso é pouco visualizado, pois é preciso considerar que é nele que nossos alunos têm maior acesso a livros diversos, revistas, jornais, entre outros.

Entre as estratégias de leitura utilizada, a professora disse-nos o seguinte:

Uso a leitura oral, coletiva, individual, silenciosa, compartilhada e dialogada, buscando sempre a motivação, em prol do ensino-aprendizado do aluno [...] Podemos criar espaço para a leitura na sala de aula, através de rodas de leitura, dos diferentes tipos de gêneros textuais, da literatura, da poesia, do teatro, do cordel, ou seja, aproveitando essa diversidade de gêneros, a fim de promover no aluno, o gosto e o interesse pela leitura. (**Professora, EEAP, Outubro de 2016**).

As estratégias ditas pela professora se relacionam as indicações de Solé (1995) e Kleiman (2000). As autoras focalizam a motivação, atividades dialogadas, individuais e coletivas. No entanto, chama atenção para as especificidades dos alunos e particularidades das escolas. Outro ponto é que quando ocorre desmotivação, provem de concepções e estratégias de ensino de leitura erradas. Ressalta-se ainda que as estratégias de leitura devam ser um

processo coletivo com a participação do professor/aluno, já que a leitura é essencial para o crescimento individual e social do leitor. É através da leitura que podemos construir e reconstruir o conhecimento que serviram para nossa formação enquanto sujeitos que interage uns com os outros. O aluno não pode ver a leitura como um ato de punição, ou compensação para tirar notas boas, mas pelo gosto de aprender coisas novas, sejam valores de mundo, ou até mesmo expansão do vocabulário. Ainda sob a análise de sua fala, percebe-se que, a professora busca despertar no educando, através de dinâmicas e estratégias o gosto pela leitura, fazer com que o aluno leia e compreenda os textos. No entanto, nem sempre isso acontece: ensinar o aluno a ler de forma coerente obedecendo a ritmo e entoação. Cagliari (1998) ressalta que:

A leitura é a atividade fundamental desenvolvida pelos professores e pela escola para a formação dos alunos. Na verdade, é mais importante sabe ler do que escrever, já que para mim, a leitura continua sendo a herança maior do que qualquer diploma (CAGLIARI, 1998, p. 130).

Em sequência, em conversa a professora mencionou que costuma ler com frequência, e seus textos preferidos são os textos informativos, pois estes lhe transmitem informações na sua área. Assim, ao questioná-la sobre o que a leitura representa, respondeu-nos da seguinte forma:

A leitura é uma das práticas muito importante para a construção de novas aprendizagens, pois além de promover o fortalecimento de ideias e ações, permite desenvolver e adquirir novos conhecimentos e novas habilidades. **(Professora, EEAP, Outubro de 2016).**

De acordo com que a professora coloca, Solé (1998, p.173) explica que “aprender a ler requer que se ensine a ler. O modelo do leitor oferecido pelo professor e as atividades propostas pelo ensino e a aprendizagem da leitura não são lixo, mas necessidades”. É o que constatamos na fala da nossa colaborada – a leitura como uma necessidade e não uma simples proposta de uso nos conteúdos para sala de aula. Ainda, sua concepção vai de encontro o que diz Cafiero (2010, p. 86) que: “Ler é atribuir sentidos, pois ao compreender um texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida”.

Mediante colocações da professora, embora haja fatores positivos na fala quanto à concepção e uso de práticas de leitura, constata-se que há um apego ao livro didático na sala de aula, averiguado nos dias da pesquisa de campo, não sendo possível acompanhar as

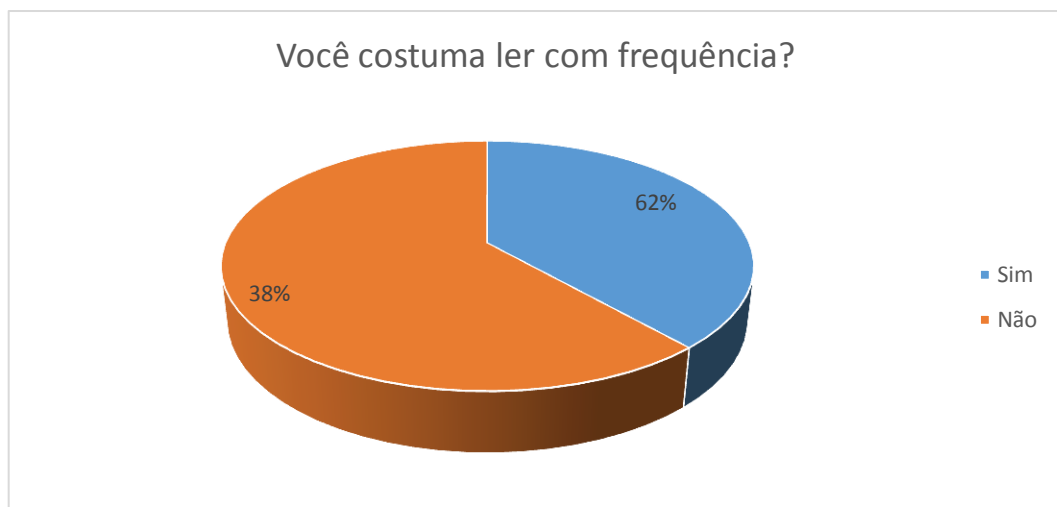
estratégias que a mencionou. Por isso, seria errôneo afirmar que ela não as usa durante ano letivo. Para tanto, como a mesma afirmou em conversa que para tornar o aluno um leitor competente, é preciso “torna-lo crítico e reflexivo”, o próprio espaço escola necessita ser reconfigurado. Repensar a sua importância desde o ensino fundamental, para que nos anos posteriores não nos defrontemos com lacuna para a sua prática.

3.2 Com a palavra o aluno: leitura, concepção e uso

Nessa seção veremos a análise de dados dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Apolinário Jales - EEAJ. Convém lembrar, que, de 26 alunos da turma apenas 08 participaram da pesquisa. Desses, 05 são meninas e 03 meninos, com idades entre 14 e 16 anos.

O gráfico 1, diz respeito à frequência de leitura dos alunos. Nela iremos perceber que a maioria dos nossos interlocutores diz ler com assiduidade. Vejamos:

Gráfico 1: Frequência de leitura dos alunos



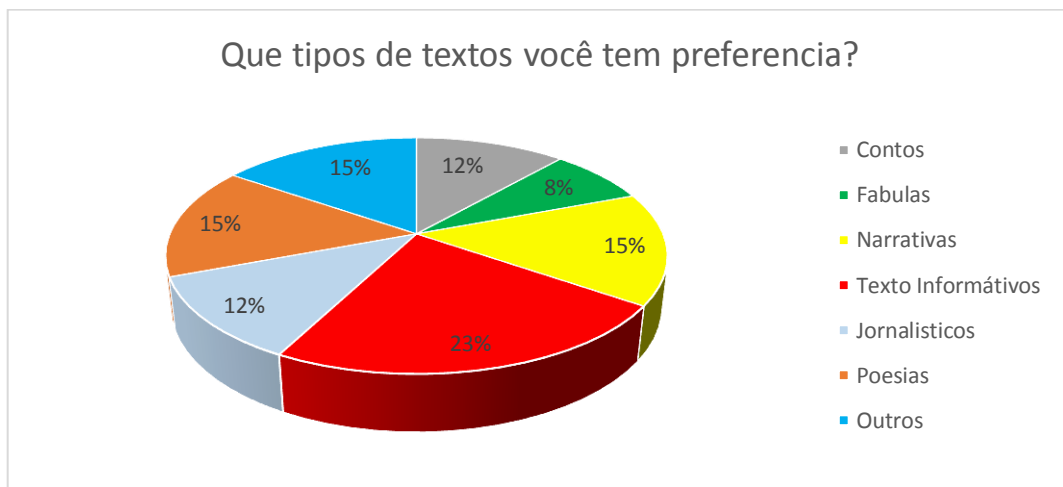
Fonte: Dados sistematizados a partir de questionários aplicados com os alunos – Ano de 2016

A partir dos dados levantados constatamos que 62% dos alunos entrevistados costumam ler com frequência, enquanto 38% não costumam. Isso comprova com veracidade, que a maior parte dos alunos da escola supracitada gosta de ler. Por outro lado, os alunos que não se dispuseram a participar do questionário já haviam dito que não davam a menor importância para a leitura, levando-nos a crer que o percentual passa a ser maior do que 38%. Alguns desses relataram em conversa informal que vão para a escola apenas para fazer laços de amizade. Talvez esse seja dos fatos que revele o resultado negativo no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) dos alunos da turma do 2º ano, referente ao ano de 2015.

Outro motivo de acordo com Dockrell e Mcshane (1997) para baixa frequência de leitura é o não reconhecimento da compreensão da palavra, e como consequência do texto. Reconhecer a palavra é assimilar uma compreensão e quando assim não ocorre bloqueia-se o interesse pela leitura.

No gráfico 2 os alunos responderam que tipo de textos eles mais preferem ler, apontando que 23% preferem textos informativos. Vejamos:

Gráfico 2: Gêneros e Tipos de textos

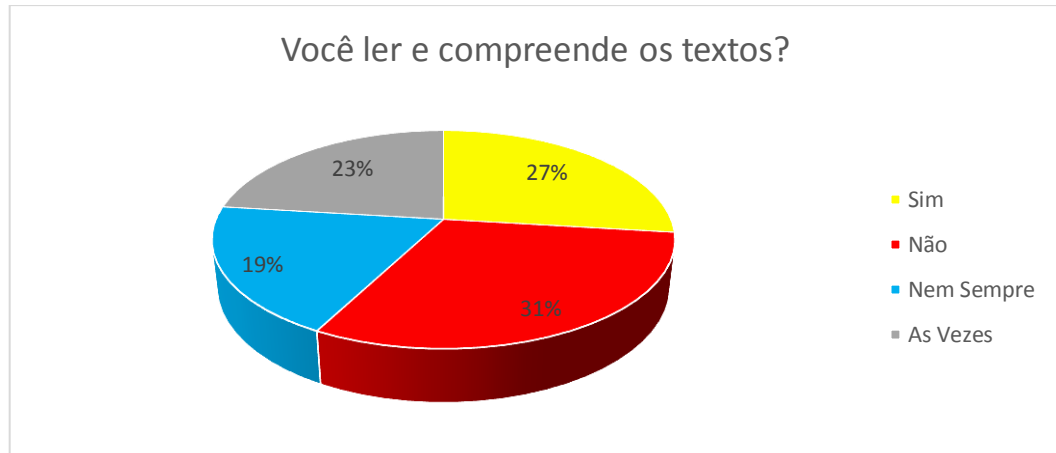


Fonte: Dados sistematizados a partir de questionários aplicados com os alunos – Ano de 2016

De acordo com o gráfico acima, podemos verificar que 12% dos alunos pesquisados tem preferência pelos contos, 8% pelas fábulas, 15% pelas narrativas, 23% pelos textos informativos, 12% pelos textos jornalísticos, 12% gostam de poesias, e 15% preferem ainda, outros tipos de textos. Nesse contexto, verificamos que os dados vão de encontro a uma fala da professora em conversa informal quando apontava que os seus alunos tinham gosto por textos variados e diversificados.

Para Solé (1997) é preciso considerar a variedade de saberes do aluno. Aproveitar a diversidade do contexto em sala e seus gostos para promover um diálogo sobre os diferentes tipos de leitura. Freire (1997) revela que o ato de ler está atrelado à própria existencialidade do ser, e por isso, esse aspecto deve ser considerado na hora da leitura – levar em conta a sua experiência enquanto leitor, afim de outro perceba a importância de tal prática.

Seguindo, o gráfico 3 aborda a frequência com que os alunos entendem os textos utilizados em sala de aula, indicando-nos os seguintes índices:

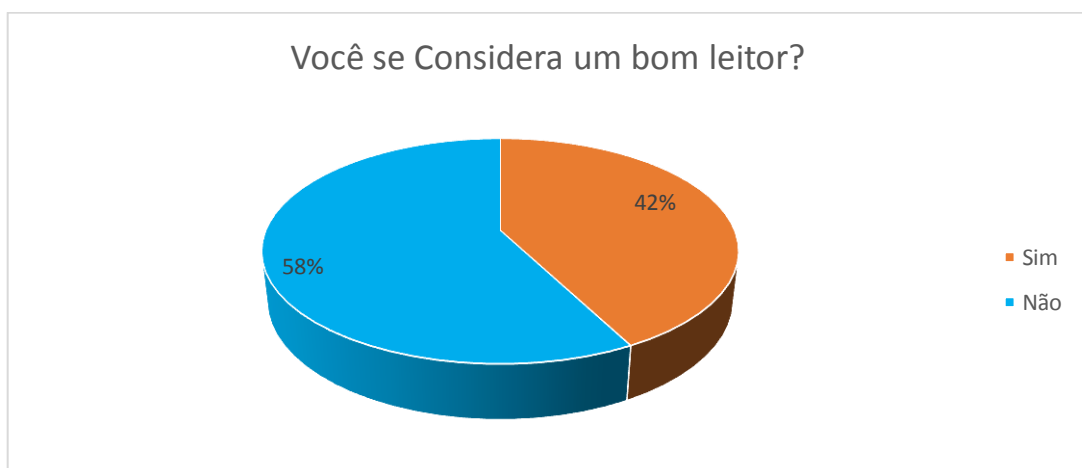
Gráfico 3: Compreensão dos textos

Fonte: Dados sistematizados a partir de questionários aplicados com os alunos – Ano de 2016

Note que 27% dos alunos, disseram que ao ler compreendiam os textos, 31% leem e não entendem, 19% afirmaram que nem sempre e 23% confirmaram que às vezes entendiam. Obviamente, poucos alunos leem e compreendem bem os textos.

A dificuldade de leitura e compreensão dos textos tem sido um desafio para o professor, não apenas na escola pesquisada. Os PCN's (1997) defendem uma ideia de uso de leitura a partir da produção textual, pois o aluno irá refletir não apenas o texto para a produção linguística. Além, chama a atenção para o estímulo na sala de aula. Quando isso não é favorecido, o documento explica que os alunos tendem a não compreender o que está nas estrelinhas, levando-o a desmotivação da leitura.

Quando questionados sobre o fato de se considerarem bons leitores, nossos interlocutores se reportaram da seguinte forma:

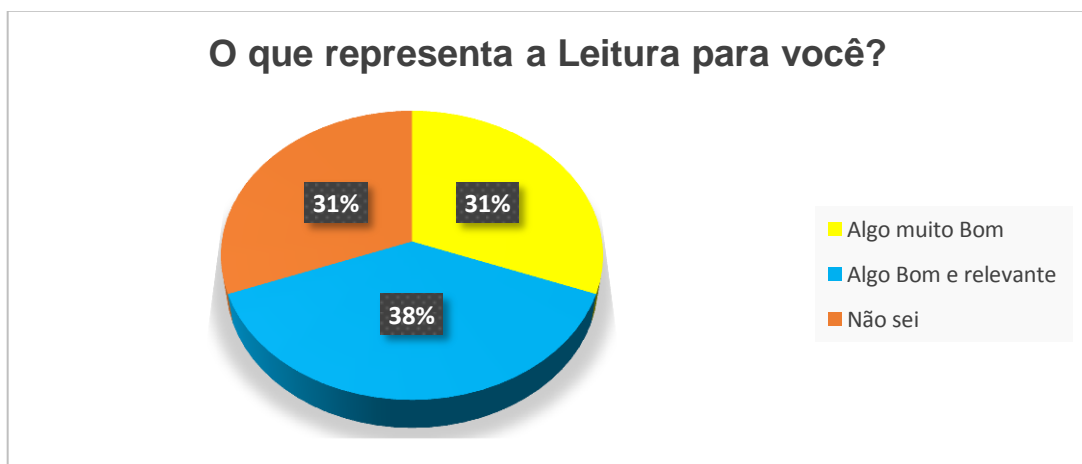
Gráfico 4: Análise quanto ao fato de ser bom leitor

Fonte: Dados sistematizados a partir de questionários aplicados com os alunos – Ano de 2016

De acordo com o gráfico 4, averiguamos que 42% dos sujeitos envolvidos se consideram um bom leitor e 58% não. Isso mostra que a prática da leitura precisa ser mais trabalhada nessa escola, com o intuito de promover no aluno o gosto pela leitura, já que ela se faz necessário ao nosso convívio social. Para Solé (1997) a prática de leitura sucinta compreensão do mundo. Isso vai de encontro aos estudos de Freire (1998), ao afirmar que a leitura aumenta a capacidade do indivíduo de perceber o mundo e aprender sobre ele.

Por fim, o gráfico 5 aborda dados do que representa a leitura para os nosso interlocutores. Vejamos:

Gráfico 5: O que representa a leitura



Fonte: Dados sistematizados a partir de questionários aplicados com os alunos – Ano de 2016

Conforme o gráfico acima, analisamos que 31% dos alunos entrevistados disseram que a leitura é algo muito bom, 38% disseram que é algo bom e relevante e 31% falaram que não sabiam, ou talvez não preferiram opinar. Evidentemente se percebe que para muitos a leitura é algo essencial. No entanto, o papel que o educador assume é de suma importância, pois ler é revelar uma autonomia de ser no mundo.

Levando em consideração essas premissas, de acordo com os PCN's:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. (BRASIL, 1997, p.40).

Neste aspecto, a leitura pode até ser desinteressante para alguns, mas o que ele nos revela é uma ação de descoberta ao desconhecido, nas suas varias leitura de e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, torna-se evidente dizer que a realização desse trabalho foi de suma importância, pois o mesmo buscou através de pesquisas de autores renomados, entender que a prática da leitura é essencial para a formação humana, uma vez que através dela o sujeito adquire conhecimentos e constrói um saber científico, como também de mundo.

De acordo com as observações durante pesquisa e questionários realizados, evidenciamos que a maioria dos alunos não tem o hábito de ler e que apesar de ler todo e qualquer texto, não compreendem bem que sentido é atribuído a ele. Em virtude disso é que tanto a escola, quanto o professor, tem o papel de motivar o aluno, de forma prazerosa, com relação a essa prática. Outro fato relevante é a necessidade de incentivo e utilização de estratégias para uma postura de aluno-leitor crítico e reflexivo. Mesmo a professora afirmando que as usa no sua prática pedagógica, há um apego quanto ao livro didático, passando a ser não um instrumento, mais uma ferramenta contínua de trabalho.

A leitura antes de qualquer coisa assume uma postura política e social. Se o professor e escolar refletir sobre a dimensão que sua prática é capaz de mobilizar num sentido de autonomia, de certo ela está cumprindo sua função social.

Do ponto de vista de conhecimento, a leitura propicia uma experiência rica, na medida em que o que é posto não está imobilizado, mas em constante circulação, na qual o leitor pode trocar experiências sobre a compreensão textual. Por isso, a importância e insistência de buscar no Ensino Médio, a formação de um aluno leitor, mesmo levando em consideração que ao iniciar os estudos ele deve desfrutar de experiências com a leitura.

Em razão disso e diante os dados obtidos, e da necessidade de dinamização no contexto do campo da pesquisa arriscamos sugerir atividades de leitura, a destacar:

- ✓ **Feira de leitura:** um grupo encarregado da atividade anunciará como faziam os leiloeiros antigamente que em determinada hora e lugar será feita a leitura de certo trecho do livro. Também farão cartazes anunciando o grande acontecimento;
- ✓ **Leitura dramatizada:** um grupo prepara a narração de algum capítulo da obra para contar aos outros (ao ar livre), utilizando imagens sequenciais dos fatos. Os narradores podem vestir-se conforme o estilo da época e podem-se encenar alguns personagens;
- ✓ **Leitura musical:** cada grupo fica responsável por um capítulo e escolhe uma música que combine com o trecho a ser lido. Durante a leitura podem ser feitas pausas para ouvir a música, que ficará de fundo para os narradores.

Esses são apenas demonstrativos de como o espaço de sala de aula pode torna-se mais interessante. No entanto, é preciso haver planejamento e que tais atividades tenham um objetivo que não seja apenas uma ação lúdica, mas de aprendizagem dentro da prática leitora. O professor precisa promover esse processo de modo que o aluno não a veja como uma opressão dentro do componente curricular, mas sim como ação de libertação – promoção de mais conhecimento de mundo.

Em voz corrente, os dados da pesquisa apontam que, a escola e os educadores devam aperfeiçoar as práticas de leitura como elemento fundamental na construção do saber, elencando dentro do currículo tempo considerável para exercê-la, haja vistas, que a leitura é uma consequência necessária e que precisa ser desenvolvida. O professor é o mediador deste processo, e tem como objetivo levar a conscientização do educando, elaborando a partir do processo de leitura um pensamento crítico e consciente.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARCELOS, Valdo H. L. “Escritura” do mundo em Octavio Paz: uma alternativa pedagógica em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO Isabel. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.
- BARROS, Tristana Nascimento; GOMES, Erissandra. O perfil dos professores leitores das séries iniciais e a prática de leitura em sala de aula. **Revista CEFAC**. São Paulo, v.10, n.3, 2008
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- BRANDAO, Helena. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo; Cortez, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 1998. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de aula).
- CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. Disponível em: < <http://www.univen.edu.br/revista>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRO, E; PALACIO, Margarita Gomes (Org.). **Os processos de Leitura e Escrita**. 3ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ªed. São Paulo; Atlas,1999.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2000.
- LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o imaginário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Arte e Científicos/ EDUSP, 2003.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAGET, J. **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RÖSING, Tania M. K. **A formação do professor e a questão da leitura**. Série Didática. Passo Fundo, 1996.

SATO, Michèle; CARVALHO Isabel. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: Caminhos e Descaminhos**. Revista Pátio, n. 29, fevereiro de 2004

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artimed, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2003.